



Santuário do Senhor da Santa Cruz, o culto da terra e dos campos: subsídios para a preservação do património imaterial de Mêda, Guarda, Portugal

The Sanctuary of Senhor da Santa Cruz, the cult of the earth and fields. Subsidies to the preservation of the intangible heritage of Mêda, Guarda, Portugal

Rui Tina Neto

Unidade de Arqueologia, Dep. Geologia (UTAD) / Câmara Municipal de Mêda
email: ruitinaneto@joi.pt; ruineto@cm-meda.pt

Resumo - A origem dos cultos enquanto gratidão à “terra mãe”, é tão ancestral como o ciclo das sementeiras e das colheitas. O culto da Santa Cruz em Mêda, traz-nos ainda hoje o resto dos cultos pagãos que proliferaram por aqui e que a Igreja Católica soube aculturar, acarinhar e preservar. A Santa Cruz é o local onde se encontram famílias, amigos, gerações e curiosos, mas é também o local de esperança, de renovação e nascimento de nova vida que ano após ano surge com a primavera e se manifesta no ciclo agrícola e onde se clama pelas forças sobrenaturais capazes de ajudar e serem benevolentes.

Palavras chave: Santa Cruz, Mêda, Santuários, rebanhos

Summary - The origin of the cult of gratitude to ‘Mother Earth’ is as ancient as the cycle of sowing and reaping. The Santa Cruz (Holy Cross) cult of Mêda, even today, recalls traces of pagan cults that used to proliferate here—cults the Catholic Church knew of, assimilated, nurtured and preserved. It is a gathering of families and friends across generations, as well as those drawn by curiosity, where hope, renewal, and birth of new life come forth year after year with spring, apparent in the agricultural cycle, where one cries out to supernatural forces that can help and show benevolence.

Keywords: Holy Cross, Santa Cruz, Mêda, Sanctuaries, herds

INTRODUÇÃO

Em todos os lugares podemos encontrar diversas formas de manifestação do sagrado. A história das religiões constitui-se pelas manifestações das realidades sagradas; as pedras e as árvores, as montanhas e as planícies, as fontes e os rios, ganham não apenas nas sociedades animistas mas em todas, um carácter sagrado logo que haja um acontecimento com um significado importante, pelo que o Homem deixa de venerar não a montanha como montanha ou o rio como rio, mas sim porque são hierofanias (Eliade 1999: 26), ou seja porque tornamos a montanha ou o rio de uma simples forma profana em sagrada.

ESPAÇO E RELIGIÃO

O sistema de festas do Cristianismo convertido em religião imperial a partir do imperador Constantino, assentou sobre o complexo festivo das religiões greco-romanas e orientais, que já estavam alicerçadas nos primitivos cultos dos fenómenos da natureza. O ciclo vital com as suas colheitas e rituais de passagem, o medo do que está para além da morte ou a invocação da protecção dos antepassados e até mesmo as fases da lua, podem muito bem ter sido a origem ou o núcleo e ponto de partida dos rituais festivos.

É neste perfil que se enquadra o Santuário do Senhor da Santa Cruz (figura 1), localizado a nascente da cidade de Mêda numa pequena elevação a 668 metros de altitude, com a capela orientada a poente, encaixada entre campos agrícolas de vinhas, oliveiras e cereais, possui um



Fig. 1 – Capela do Senhor da Santa Cruz – Foto do Autor 2016



Fig. 2 – Restos da Imagem de Santo Apolinário – Foto do Autor 2016

pequeno cercado construído em pedra, à sua volta tem um parque de merendas com uma casa de apoio às festividades, onde funcionam nas festas um bar, instalações sanitárias e um grande terreiro destinado a instalar um palco para ali se realizarem bailes.

Outrora de propriedade particular, a mais antiga referência que se lhe conhece vem citada nas memórias paroquiais de 1758: “ 13-Tem ermida de..., ... tem mais a do Senhor da Santa Cruz, que é particular, ...”. De arquitectura tradicional ou popular chegou até aos nossos dias com a sua traça primitiva. No início do Séc. XX encontrava-se em ruínas e a pedido dos donos da propriedade, à época na posse de António Maria Homem da Silveira de Sampaio de Almeida e Mello que, implicado na revolta restauracionista da “monarquia do norte” se refugiou no Alto Douro

e aí fixou residência devido ao colapso daquele movimento, foi restaurada pela Sr^a. Maria da Conceição Lourenço, tendo ficado responsável pela sua conservação, preparação, embelezamento e abertura da capela nas festas que o povo da Mêda já então lhe venerava.

A tradição ditou que passasse de geração em geração, sucedendo à mãe a filha, Sr^a. Maria da Conceição Lourenço e estando hoje na posse da sua neta, a Dr^a Maria da Conceição Lourenço cujos nomes são iguais propositadamente.

Durante as obras de restauro mandadas fazer por Maria da Conceição Lourenço no início do Séc. XX, são encontrados os restos de uma imagem, cabeça e mão (fig. 2), a que o povo de imediato lhe atribuiu o nome de “pedra do juízo”; muito embora não haja no local ou não se tenham encontrado registos escritos com indicação alguma a outro culto, sempre se acreditou serem os restos de uma imagem de Santo Apolinário, tendo mesmo os mordomos das festas do Senhor da Santa Cruz, mandado fazer uma pequena pagela alusiva aquele Santo. Quanto à “pedra do juízo”, ela é utilizada para dar três pancadas na cabeça das crianças para que elas cresçam com juízo e não enveredem por maus caminhos. Esta crença terá tido origem no facto de se atribuir a Santo Apolinário o dom proteccionista e defensor da justiça.

O Juíz Conselheiro Dr. Vasco Marinho de Almeida Homem de Sampaio e Mello, filho de António de Almeida e Mello acaba por doar todo o espaço à Fábrica da Igreja Paroquial da Mêda no final dos anos 90 do Séc. XX, ao constatar que o culto, a tradição e devoção, assim como a conservação da Capela se mantinha “vivo”.

Mais tarde, através de um protocolo celebrado com a Câmara Municipal para cedência de um espaço destinado à construção e instalação de um heliporto, lhe fez alguns arranjos, como o parque das merendas, arruamentos, e outros melhoramentos, mantendo como responsável pela capela a Dr^a. Maria da Conceição Lourenço.

Até há bem pouco tempo o dia de Santa Cruz era sempre celebrado no dia 3 de Maio. Hoje, o povo celebra o Senhor da Santa Cruz no primeiro domingo de Maio que coincide com o dia da mãe. As festividades começam com uma procissão que sai a meio da manhã da igreja matriz e se dirige para o Santuário onde é celebrada uma Missa campal, durante a tarde actuam os ranchos folclóricos da região, uma banda de música e finalmente os pastores concorrem para o melhor rebanho da terra dando voltas à capela para delírio dos romeiros.

A festa termina com baile abrilhantado por um qualquer conjunto que os mordomos se encarregam de contratar para animar a noite sendo este dia conhecido por dia da Santa Cruz, dia das merendas ou festa dos pastores.

MERENDAS E CRUZES

Merendar é um termo muito comum em terras de Meda, que é o mesmo que ir lanchar, mas no campo. Durante séculos, os lavradores, jornaleiros e pastores, que saíam de casa para as lides do campo diziam que “ iam de merenda aviada “, ou seja que levavam com eles a merenda ou farnel com que se haviam de alimentar durante o dia. Claro que nos tempos de miséria a merenda seria também ela miserável e não haveria por certo grandes razões para sorrir com a merenda que se “aviava”.

Durante os dias que antecediam as festividades, as mulheres iam cozer no forno do patronato, ou nos fornos particulares, bolas de carne, folares, doces e outros petiscos que iriam servir de merenda e isso criava um ritual de entre ajuda comunitária, havendo sempre uma ou duas mulheres mais idosas que controlavam o forno e ensinavam as mais novas a cozer. A todas estas iguarias cozidas no forno juntavam-se e juntam-se ainda hoje as chourças, o salpicão, o presunto e o vinho da Mêda, um néctar excelente por natureza. No dia da Santa Cruz, as famílias vão ainda hoje merendar, nas imediações da Capela (fig. 3), por perto, ou nos campos à sua

Fig. 3 - Merenda da Família Lourenço - Foto de Pedro Lourenço sem data



Fig. 4 - Uma família recebe a cruz de madeira no acto do ofertório na capela - Foto do Autor 2016



volta e colocar uma cruz feita de madeira para proteger e abençoar as culturas por forma a que o ano seja farto e fértil. Se remontarmos às festividades equinociais da primavera praticadas nas antigas culturas pagãs, tinha-se por hábito evocar e agradecer aos deuses um ano agrícola farto e fértil; farto de alimentos para os animais e para o Homem e fértil na reprodução dos animais.

Esta tradição pode ter origem no simples facto de celebrar o *maio* ou *as maias* celebrados por celtas ou nas *florálias* celebradas por romanos havendo ainda hoje o costume e a tradição em alguns pontos do país, de colocar giestas floridas, mimosas ou outras flores nas portas das casas, dos currais, das propriedades agrícolas e até nas roupas que se vestem nesse dia ou nos adornos, colares, albardas e selas dos animais, com especial particularidade para a forma como os pastores tentam embelezar os seus rebanhos por ocasião do dia da Santa Cruz. De notar também que por estas alturas, e associadas às festas ou culto dos campos, a quem também estas concorrem, encontramos ainda enraizada nas gentes da Média a festa das Espigas em que o raminho da “espiga” antigamente, era oferecido pelos rapazes às raparigas de quem gostavam. O pequeno “ramo da espiga”, feito por espigas de centeio ou de trigo, era trocado quase em segredo, envolto em espírito de amizade e alegria, recolhidas, momentos antes, nas pequenas ceareas circundantes da capela.

Comer, lanchar ou merendar, é por si só um acto sócio-cultural rico em rituais que importa realçar, é que junto com a merenda, em dia de festa vem sempre a boa disposição e isso implica não só comer, mas também beber, cantar e dançar e todas estas pequenas dinâmicas constituídas em grupo constroem rituais que se vão perpetuando e passando de geração em geração, como se quiséssemos manifestar ao sagrado ou ao pagão, o reconhecimento pela revivescência da vida, a renovação de um novo ciclo agro-pastoril e pelo retorno da natureza.

Já sobre o acto de colocar nos campos agrícolas uma cruz de madeira, que outrora era feita de flores, ela há de proteger as culturas não só dos maus agoiros como também das intempéries que se farão sentir em toda a região até à época das colheitas. Hoje a cruz é utilizada noutras actividades, havendo quem a coloque na casa de habitação ou no carro de trabalho. No entanto, aquando do ofertório que os devotos realizam na capela, os mordomos entregam uma cruz de madeira (fig. 4).

OS REBANHOS

Já aqui falei que este dia é também conhecido como a festa dos pastores. De facto, esta data tem para os pastores um significado muito especial, já que é aqui que eles põem à prova toda a sua destreza e conhecimento na lide diária com o gado.

Para eles, e como habitual, o dia começa bem cedo com a preparação das ovelhas. Elas são por esta altura tosquiadas, lavadas e pintadas com tintas de várias cores, adornadas e enfeitadas com fitas e flores sendo depois o rebanho encaminhado para os campos envolventes ao Santuário (fig. 5) onde aguardam pela chegada da hora, que hão-de correr em volta da capela.

O momento marcante deste ritual chega quando o pastor corre na frente das ovelhas dando berros “...brrrrrréééééé...” assobios altos e fazendo valer os seus melhores dotes na expectativa de conseguir colocar o gado a correr à volta da capela dentro do pequeno cercado e à terceira volta, num gesto brusco inverter a marcha da corrida sem que elas parem ou se confundam e continuem a correr em sentido contrário, saindo do cercado e fazendo as três voltas pela parte de fora deixando-as a correr sozinhas.

O que melhor, com maior habilidade e maior formosura o conseguir fazer, mostrando que tem poder sobre o rebanho e que os animais lhe obedecem, será o vencedor deste pequeno torneio que prende a multidão em volta da capela durante toda a tarde para presenciar o espectáculo que ano após ano se repete (fig. 7).



Fig. 5 – O pastor e o gado nas pastagens da Santa Cruz – Foto do Autor 2016



Fig. 6 – O Rebanho em volta da Capela – Foto do Autor 2014



Fig. 7 – O Rebanho a caminho da Capela e a destreza do pastor – Foto do autor 2016

CONCLUSÃO

No final dos anos 90 do Séc. XX, esta festa esteve quase a perder-se ou a cair em desuso. No entanto, alguns esforços feitos pela Câmara Municipal e pela Fábrica da Igreja Paroquial, nomeando uma comissão de mordomos fez com que ela não morresse e que se tornasse mesmo mais apelativa e participativa.

Estas festas remontam a tempos imemoriais e podem muito bem ser o que resta de tradições e cultos pagãos que se praticam ainda hoje um pouco por toda a Península Ibérica como podemos observar, e em especial no norte de Portugal, não sendo caso único no concelho da Mêda já que o mesmo pode ser encontrado na aldeia de Aveloso e por toda a região, desde a Guarda à Covilhã, Mangualde, Gouveia, Almeida, Sabugal, Torre de Moncorvo, Monção, Amarante e Barcelos.

Bibliografia

ELÍADE, Mircea (1999). *O Sagrado e o Profano; a essência das religiões*. Lisboa. Livros do Brasil.

RODRIGUES, A. Vasco (2002). *Terras da Mêda; natureza, cultura e património*. Coimbra. Edição Câmara Municipal de Mêda.

PIMENTAL, Manuel Leal (1758). *Memórias Paroquiais de 1758*. Manuscrito.

Referências: www.cm-meda.pt